

Embora quasi no seu inicio, esta época tem sido animadora quanto a percentagem de bons filmes. E é curioso constatar que esses filmes têm obtido um sucesso invulgar. O gosto do público vai evoluindo e a mania cinéfila vai dando lugar à apreciação mais consciente das qualidades das obras apresentadas. Regosijamo-nos sinceramente com este facto, sintoma duma subida de nível da cultura do público que sempre defendemos e que vamos verificando com prazer.

Dos filmes que maior successo alcançaram destaca-se *As Aventuras de Tom Sawyer*, um filme colorido extraído da obra do escritor americano Mark Twain. Tocante de simplicidade, a história do pequeno Tomaz Sawyer está contada com uma segurança, leveza e equilibrio invulgares. Notável na interpretação, esta obra im-

panorama

pôs-se e é de lamentar a incompreensão do tradutor das legendas, que pôs na boca das crianças uma linguagem imprópria, empolada e falsa.

Também o filme de Walt Disney—*Branca de Neve e os Sete Anões*—conquistou o público português. Contudo, é justo frisar que esta fita, apesar de excelente, nada mais trouxe de novo além da afirmação da possibilidade da factura de filmes de desenhos animados de grande metragem, já tentada com êxito pelos irmãos Fleischer no filme *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*. Embora excelente, re-

pito, *Branca de Neve* tem várias deficiências que a inferiorizam, mesmo tecnicamente, perante outros filmes de Walt Disney como as «Silly Symphony»: *História do Velho Moinho e Uma Viagem ao Céu*.

Outras películas merecem referência.

Sônho de Uma Noite de Verão, uma adaptação cinematográfica de Max Reinhard da obra de Shakespeare, e a versão americana de *O Fugitivo Descido à Cidade*. Embora não tivéssemos visto o filme francês de Julien Duvivier, sabemos que os americanos deturparam, banalizando, a histó-

ria—deturpações que foram exigidas a J. Duvivier, razão porque aquele cineasta francês não quis aceitar as propostas dos produtores americanos.

Finalmente, destacamos o filme de Frank Borzage—*Os Três Camaradas*—tirado de um livro de Erich Maria Remarque, já exibido em Lisboa e Coimbra. De grande nível artístico, do melhor cinema que temos visto, feito por um dos mais talentosos realizadores da América, esta película possui um poder emocional incomum. É uma história plena de vida, cheia de humanidade, contada com elevação e inteligência.

Para a sua exibição no Pôrto, anunciada para breve, chamamos a atenção do leitor.

O cinema francês de hoje, pouco conhecido entre nós mas que conta com a franca actividade de cineastas como Duvivier e Jean Renoir, revela-nos com *Prisão Sem Grades* mais um valor: Léonide Moguy. Em face de assunto delicado e difícil, este realizador houve-se de maneira honrosa, que lhe mereceu um prémio da Bienal de Veneza que, diga-se, foi justissimo.

A acção de *Prisão Sem Grades* decorre numa casa de correcção de raparigas, pondo em confronto dois métodos—o punitivo e o educativo. É a reacção destes dois métodos, no espirito das adolescentes, a preocupação central do filme. E, assim, o que a obra perde em acção, movimento, ganha em estudo psicológico.

um filme francês

É notável, porque justo e verdadeiro, o modo como está tratada a figura principal, Nelly—uma jovem de 17 anos. Encontra-se esta numa idade perigosa, em plena crise de adolescência. Léonide Moguy deu muito bem, por vezes com riqueza de pormenores, as revoltas surdas que rebentam em gritos históricos, os anseios mal definidos, a necessidade de carinhos, próprios dessa crise, que em Nelly se resolve pelo sacrificio, a renúncia ao amor pelo médico da Casa de Correção, porque a elle se sorres meios, dos misteres mais variados.

brepõe o affecto pela directora e o respeito por si própria.

Levado pelo louvável intuito de engrandecer o método educativo, humano e racional, perante o método da punição e da violência, Léonide Moguy serviu-se também dos contrastes objectivos que nem sempre resultaram, sobretudo quando forçou a violência deste último.

Outros problemas estão postos neste filme, alguns com subtilidade, como pedia o assunto. É fácil prevê-los, num meio de raparigas, isoladas da vida, muitas delas vindas dos pio-

A interpretação vai além do

que se poderia esperar. O papel da adolescente Nelly foi confiado a Corinne Luchaire que fez uma criação notável ao lado de Annie Ducaux, que interpretou o papel da nova directora com superior intuição.

No seu conjunto, *Prisão Sem Grades* é uma obra séria, atingindo por vezes grande emoção, com belos pedaços de pura poesia, muito embora haja allí intencção evidente de defender uma tese.

Se este filme, pondo vários problemas, os não resolve completamente é, pelo menos, uma canção optimista—um grito confiante no futuro e no poder do homem.

MANUEL DE AZEVEDO

LIVROS ESTRANJEIROS

INGLATERRA

Editado por George Allen, appareceu a importante obra de August Armitage, «Copernicus: The Forerunner of Modern Astronomy» em que o autor traça a carreira do maior astrónomo do sec. XVI contra o tempestuoso panorama politico do tempo e analisa detalhadamente o seu livro, donde se derivou a moderna concepção do sistema solar.

Um livro de grande actualidade: «Galileo and the freedom of Thought» (Galileo e a

liberdade de pensamento) de Sherwood Taylor, editado por Watts.

FRANÇA

Do grande escritor francês Romain Rolland—uma das maiores figuras mentais e morais do nosso tempo—foi posto à venda pelas E. S. I. uma obra histórica para a juventude «Valmy».

As «Editions Corrèa» de Paris iniciaram uma colecção—Les papes immortelles—em que as grandes figuras da humanidade serão estudadas pelos

maiores escritores vivos. Assim, já foram publicadas as obras de R. Rolland sobre Rousseau, de Thomas Mann sobre Schopenhauer, de A. Maurois sobre Voltaire; apparecerão em breve mais volumes em que as figuras de Montaigne, Darwin, Tolstoi, Pascal, Nietzsche, Napoleão, Machiavel, Spinoza, etc., serão reveladas respectivamente por A. Gide, J. Huxley, S. Zweig, F. Mauriac, H. Mann, A. Malraux, E. Ludwig, A. Zweig, etc.

O admirável livro de Einstein e Sufeld «A Evolução da Física», a que já acima nos

referimos, traduzido para francês, para a «Biblioteca de Filosofia Científica» da casa Flammarion, colecção em que têm sido publicadas obras fundamentais para a compreensão do movimento científico e filosófico de actualidade, como «Atome e Cosmos», de H. Reichenbach, «La Physique nouvelle et les Quanta», de L. de Broglie, «Le Principe de la causalité et les limites», de P. Frank, «Comment je vois le monde», de A. Einstein, e muitos outros.

Quando é que, em Portugal, se traduzirão livros de vulgarização científica séria?!